



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9350 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

Escritas na Formação Docente: possibilidades de produção curricular em cotidianos universitários

Sabrina Mendonça Ferreira - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

### Resumo

O presente texto parte de uma pesquisa de doutoramento em fase de conclusão, focada em compreender relações que se dão nos *espaçostempos* cotidianos da produção de escritas nas licenciaturas e como elas podem estar contribuindo ou sendo mobilizadas coletivamente para contribuir com o processo de formação docente inicial das licenciandas, sem desconsiderar, no entanto, a importância dos efeitos da instituição dos aparelhos escriturísticos na sociedade moderna. Assume conversas como metodologia de pesquisa, apostando na potência da oralidade e fazendo *uso* de oficinas como recursos pedagógicos auxiliares; como dispositivos estéticos, mas também éticos e políticos, de possibilidade de produção de subjetividade na formação, quando se propõem à abertura de espaço curricular de compartilhamento de conhecimentos e experiências das *praticantespensantes* para a experimentação de propostas de escrituras pensadas, inventadas sobretudo ao longo de um projeto de pesquisa aprovado no âmbito de um Instituto Federal. Lançando mão de narrativas de docência emergidas em encontros com licenciandas de três cursos diferentes, problematiza possibilidades de invenção de escritas na formação docente compartilhada e destaca a importância de experiências desse tipo na emancipação social enquanto questão processual na e com a formação das envolvidas.

**Palavras-chave:** Formação Docente; Currículos Produzidos; Escritas; Cotidianos.

### Considerações Iniciais

A partir de considerações sobre a economia escriturística (CERTEAU, 1994), sobre a produção social da escrita (WILLIAMS, 2013) e sobre a letrada servidão do poder (RAMA, 2015), questionando a normatividade da linguagem; a escrita hegemônica; a forma predominante de se pensar e produzir escrita - circulante no âmbito acadêmico e legitimada como demanda prioritária nos currículos universitários - a pesquisa em questão, afiliada ao campo de estudos e pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2001; ALVES, OLIVEIRA, 2008) investe na potencialidade formativa dos encontros (GARCIA, 2015) em oficinas de escritas, de onde emergem narrativas conversadas com licenciandas *praticantespensantes* (OLIVEIRA,

2012) dos cotidianos dos Cursos de Letras, Teatro e Geografia de um Instituto Federal no estado do Rio de Janeiro, buscando compreender modos possíveis de relação com o mundo escrito nesse *espaçotempo*. O que pode uma formação docente inicial que pensa a criação de espaço curricular de compartilhamento de conhecimentos, saberes e experiências de licenciandas (em sua maioria), tendo em vista possibilidades outras de produção de escritas em seus cotidianos?

A partir das noções de emancipação (SANTOS, 2013), experiência (LARROSA, 2002; 2017), invenção (KASTRUP, 1999, 2007) e presença (GUMBRECHT, 2010, 2015) mais afinadas com os estudos do referido campo, a pesquisa se propõe a visibilizar e mobilizar escritas outras, que possam expressar diferentes experiências com as palavras, em contribuição a desenhos curriculares mais plurais, justos e sensíveis nos processos formativos docentes.

As narrativas, produzidas e mapeadas em conversas envolvendo a temática em questão, aconteceram sobretudo durante o primeiro ciclo de um projeto institucionalizado de oficinas. Além de permitir pensar na legitimação da importância da noção de *escritas docendo*, intuitivamente criada ao longo do processo de doutoramento, a existência de espaço curricular de diálogo; a ampliação de espaços de partilha sobre a problemática em questão, mobiliza que nos questionemos sobre lógicas de escrita que nos afastam de nós mesmos e dos outros, possibilitando *aprenderensinar* o que acontece nos jogos de poder onde, para Certeau (1994), a palavra se produz.

### **Problemática em Movimento e Análise Parcial**

No campo das pesquisas com os cotidianos das escolas, nos diferenciamos de outros estudos preocupados com a política de currículos, porque, como nos dizem Alves e Oliveira, (2008, p. 11), “nossa preocupação está na necessidade que percebemos de que os estudos de currículo, para além da análise das políticas oficiais, se dediquem a compreender como cotidianamente são enredados os conhecimentos e realizados os currículos” nas escolas, na formação docente. Defendemos os cotidianos como *espaçotempo* privilegiado de produção curricular, desconfiando e nos posicionando contra os movimentos de tentativa de padronização e homogeneização curricular e investindo em *políticaspráticas* educacionais que fortalecem as redes de conhecimentos que nos formam e que formamos.

Nossas produções têm evidenciado os processos formativos e de produção dos currículos como predominantemente culturais, dinâmicos e atravessados por saberes e sentidos múltiplos. São essas características que nos permitem ponderar sobre formas de resistir que produzam as brechas e fissuras que corroboram as mudanças. Com isso, “entendemos que as possibilidades de resistir às estratégias e práticas de controle que hoje conduzem, sobretudo, ao economicismo e ao conservadorismo, se colocam como ‘maresia’ e ‘ferrugem’, corroendo a dureza dos tempos atuais” (GARCIA; RODRIGUES, 2017).

A escrita, historicamente marcada por ter mais prestígio social do que a oralidade, foi e segue sendo utilizada como instrumento hegemônico de dominação. Ángel Rama (RAMA, 2015) em *A cidade das Letras* escreve ensaios sobre as cidades ordenada, letrada, escriturária, modernizada e revolucionária, e vai apontando como a América Latina acatou a letra, fazendo reverência pela escrita, reservando a uma estrita minoria as posições de poder, forçando a separação das línguas até hoje: a pública e a cotidiana.

Certeau (1994) usa o termo “escriturário” para designar tanto as operações da escrita quanto o momento, a partir do século XVII, em que a escrita, além de ser uma prática de poder e uma ferramenta dos saberes modernos, constitui também um novo modo de

produção, que modifica e articula simbolicamente a sociedade ocidental. Considerando essa constatação, busco que nos questionemos, especificamente em processos formativos docentes, sobre possibilidades de produção de escritas do devir, e que contribuam para a nossa emancipação. Que outras escritas podemos mobilizar nas práticas curriculares que produzimos coletivamente nas licenciaturas? Questiono, nesse trabalho, que escritas podem colaborar com os processos formativos enquanto formação docente mais ampla e como mobilizá-las lidando, tanto quanto possível, com os constrangimentos impostos pela lógica ocidental moderna.

Com Raymond Williams, aprendo que os meios de comunicação, são eles mesmos, meios de produção. Em *A Produção Social da Escrita* Williams (2014, p. 4) explica quão distinta é a escrita enquanto forma de comunicação pelo fato de que “suas habilidades básicas - organizar palavras em uma forma material convencional e ser capaz de lê-las – não surgem necessariamente como parte de um processo básico de crescimento em uma sociedade (...)”. Williams (2014, p. 8), escreve que “o que se entende até hoje como relações normais de escrita e leitura, (...), poderia ser visto como relações específicas e frequentemente problemáticas, ou mesmo precárias, em uma distribuição desigual da escrita e da leitura e nas relações incertas entre formas de escrita e formas de fala” – construção teórica que ajuda a pensar, além das potencialidades da oralidade que defendemos, na desigualdade distributiva de leituras e escritas disponíveis no mundo – questão a qual enfrentamos pensando em justiça cognitiva a partir de Santos (2011), que aponta hierarquização entre diferentes tipos de conhecimento como geradora de desigualdades sociais. Segundo o autor, não há justiça social sem justiça cognitiva e por aqui, eu sigo.

Com esse autor (SANTOS, 2011, 2013, 2019) também penso a noção de emancipação social, de senso comum emancipatório. Com vistas a “combater os excessos de regulação da modernidade através de uma nova equação entre subjetividade, cidadania e emancipação”, Santos (2013, p. 278) nos diz que: “a emancipação não é mais do que um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. O que a distingue de outros conjuntos de lutas é o sentido político de processualidade das lutas”. Cabe ressaltar que na tese, textos de Paulo Freire e Jacques Rancière são estudados para compreender melhor emancipação individual e emancipação intelectual, respectivamente, mas foi pensar junto com as licenciandas a respeito disso que oportunizou traçarmos linhas para fora dos textos: “*Acho que a emancipação está no retorno para si (...) Emancipação é intenção de habitar vários espaços sendo dono de si. (...) Já sinto gosto da emancipação só no simples ato de escrever. Os mundos se abrem papel adentro*”, *partilhou* Mariana Soares, licencianda participante dos encontros no âmbito das Oficinas de Escritas *Docendo* – as quais venho compreendendo como escritas produzidas singularmente com impacto no coletivo durante as licenciaturas, integrando os processos formativos, contribuindo no processo emancipatório das licenciandas e permitindo que, escrevendo, possam ir além da produção textual e se perceberem em autoprodução, autoformação, em invenção de si e do mundo.

Por conta do limite de caracteres desse texto, não é possível trazer a tessitura com as narrativas relacionadas às noções de invenção, experiência e presença, mas cabe ressaltar que acontece, no âmbito das Oficinas, um movimento parecido, de traçados de linhas para fora dos textos referenciados inicialmente, sobretudo com Virgínia Kastrup, Jorge Larrosa e Sepp Gumbrecht.

## Metodologia

Que métodos podem “responder aos desafios que produzimos para as pesquisas quando nos propusemos a afirmar os sujeitos, o vivido e o ordinário como nossas interlocuções privilegiadas” (GARCIA, 2014, p. 89)? Acreditando na força da palavra falada nas narrativas emergentes em *encontros*, concordamos com Garcia (2015), que ressalta a importância de pensar e pesquisar os processos de formação docente com as escolas:

Os encontros pesquisados e desenvolvidos na pesquisa como ações formativas viabilizam ouvir e discutir diferentes perspectivas quanto às práticas docentes e à produção dos currículos. Com isso, mostram-se como meio favorável para desestabilizar representações de docência e escola hegemônicas e possibilitar a produção de novas compreensões (GARCIA, 2015, p. 4).

Nessa direção, essa pesquisa assume conversas como metodologia de pesquisa, apostando na potência dos fluxos de oralidade que estas permitem e mobilizam. Recentemente (2018), em *Conversa como Metodologia de Pesquisa*, nos dizem os organizadores sobre nosso interesse de pensar modos outros de produzir conhecimento e maneiras outras de nos colocarmos na pesquisa e no científico. Eles ressaltam como desafio, algo caro aos estudos com os cotidianos (ALVES, 2001; ALVES, OLIVEIRA, 2008): “(...) o desafio ético, estético e político que tem a ver com a experiência da alteridade do outro, de sua existência como sujeito e não objeto”. Buscando aprofundar a discussão metodológica do trabalho com as *conversas*, temos como referenciais as discussões que circundam as (auto)biografias e as pesquisas narrativas em educação.

### Considerações conclusivas

A partir dos referenciais aqui trazidos, essa pesquisa entendeu a oficina em bricolagem, uma *oficinagem*, como, além de um recurso pedagógico, um dispositivo experimental estético propício à produção de subjetividade na formação docente.

Compreendeu as escritas das licenciandas como registros de linguagem que podem emergir da mobilização de refletirmos e compartilharmos coletivamente as diversas relações envolvidas com a escolha de tornar-se docente.

Segue desejando afirmar, inventar e re-existir em e com uma educação atravessada por currículos mais propositivos em *espaçostempos* escolares e universitários mais horizontais e solidários. Espera contribuir com a valorização do sensível em processos formativos envolvidos com a necessidade do escrever, tendo em vista a construção de relações mais amigáveis e potentes com o mundo escrito entre licenciandas.

### Referências

- ALVES, Nilda. Sobre os movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, N; OLIVEIRA, I. Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis: Depetrus editora, 2008.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GARCIA, Alexandra. “Defina Metodologia”: questões para pensar a pesquisa e a produção de conhecimentos nos currículos e processos formativos cotidianos. In Aventuras do conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação. Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, 2014. p. 81- 100.
- GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo et al. (Orgs.). Diferentes perspectivas de currículo na atualidade. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2015. p.

289–304.

GUMBRECHT, Hans U. *Nosso Amplo Presente: o tempo e a cultura contemporânea*. -1. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GUMBRECHT, Hans U. *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA B., Jorge. *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência*. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, 2002 n. 019, p.20-28.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis, RJ: DP etAlli, 2012.

RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2015.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael e SAMPAIO, Carmen Sanches. (Orgs). *Conversa como Metodologia de Pesquisa: por que não?* – Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. – (Coleção e pesquisa em questão).

SANTOS, Boaventura de S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Boaventura de S. *O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WILLIAMS, Raymond. *A produção social da escrita*. Tradução André Glaser. 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2013.